

ENERGIA POTENCIAL NA TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM. A BACIA CARBONÍFERA DO DOURO

Daniela Alves Ribeiro

(Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto)

Resumo/Abstract

Duas décadas após a introdução do fuelóleo na Central da Tapada do Outeiro, encerra a última exploração de combustível nacional. Em 1994 dá-se a morte assistida da Mina do Pejão. A afirmação da era industrial da eletricidade e da transformação química vem alterar o sistema energético assente no que L. Mumford designa por “Capitalismo Carbonífero”¹.

Durante a fase paleotécnica² o carvão é o combustível por excelência. Enquanto capital acumulável, o carvão, um mineral não oxidado, rapidamente se torna mais rentável do que a madeira: muito mais compacto, a sua extração, transporte, armazenamento e transformação passam a constituir-se como um sistema de organização territorial. A indústria começa a viver de acumulação de energia; pela primeira vez é utilizada energia potencial, tanto na indústria como nas estruturas urbanas. Deixa de ser o combustível o fator determinante na localização das estruturas industriais.

Ao longo do século XX é de facto o combustível o motor de desenvolvimento da Bacia Carbonífera do Douro: a dependência do Porto em relação ao carvão determina a relevância do sistema energético na transformação da paisagem³, que se estende desde as estruturas sociais de apoio à Mina aos sistemas infraestruturais da Cidade.

A paisagem da Bacia Carbonífera do Douro foi assim sendo construída pela desconstrução do filão de carvão no subsolo. A produção de energia potencial determinou a transformação de uma paisagem agrícola numa linha de produção territorial de carácter industrial que não poderá ser entendida se não enquanto unidade de Paisagem Património.

Estendendo-se desde os pontos de extração de carvão até ao Porto, a paisagem decorrente da linha de produção de energia ao longo do Rio Douro determina o que se entende como Sistema Carbonífero do Douro.

Desmaterializada a fonte de energia, todo este sistema energético deixa de ter significância: por um lado, o elemento de articulação territorial deixa de existir, passa a património gasoso; por outro, perde-se a necessidade de uma estrutura física de suporte, agora duplamente obsoleta perante o esgotamento do minério. Fica em suspenso o processo de transformação da paisagem da Bacia Carbonífera do Douro, hoje desarticulada da linha de produção de território que a determinara.

Perante a *morte funcional* de todo o sistema energético que marcou a transformação da Bacia Carbonífera do Douro problematiza-se a sua assimilação aquando da substituição das lógicas (infra)estruturantes. Num processo de *morte assistida* importa compreender como poderá a inércia que o sistema energético produz no território ser (r)entendida enquanto recurso operativo.

¹ Em *Técnica y Civilización* (1946) Lewis Mumford usa a expressão Capitalismo Carbonífero para se referir ao sistema económico subjacente à utilização do carvão como fonte de energia potencial. MUMFORD, L. *Técnica Y Civilización*. 1992. p. 112

² A fase *paleotécnica* corresponde à era industrial subjacente ao binómio carvão-fero, associada à 1.^a Revolução Industrial, Idem. p. 109

³ Entenda-se por Paisagem a representação de um sistema de relação entre natureza e cultura

CV

Daniela Pereira Alves Ribeiro

Daniela Pereira Alves Ribeiro é arquiteta pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, tendo terminado o Mestrado Integrado em 2010.

Em 2012 ingressa no Curso de Estudos Avançados em Património Arquitetónico, no qual inicia a investigação relativa a complexos mineiros.

Atualmente encontra-se a frequentar o Programa de Doutoramento em Arquitetura no Perfil de Património, desenvolvendo investigação em torno de Territórios de produção energética e património paisagístico, tendo já participado em alguns seminários e conferências com comunicações relativas à investigação então desenvolvida na Bacia Carbonífera do Douro.

Paralelamente esteve envolvida noutros projetos de Investigação, nomeadamente o Programa de Bolsas de Investigação na Área da Cidade e da Arquitetura relativo a “Cidade e Património arquitetónico do século XX: 1910-1974” (Fundação da Juventude, OASRN, 2012) e o Projeto de Investigação ESTEJO (CITAD, 2014).